

O GATO PRETO

Edgar Allan Poe

THE BLACK CAT, 1843

Por mais extravagante, embora comezinha, que possa ser a história que estou prestes a rabiscar, não espero nem peço que acreditem. De facto, eu seria louco se esperasse que o fizessem num caso em que os meus sentidos rejeitam a própria evidência. Porém, louco não sou – e de certeza que não sonho. Mas amanhã morro, e hoje alivio a minha alma. O meu propósito é esclarecer sucintamente e sem comentários perante o mundo uma série de simples acontecimentos caseiros. Nas suas consequências, estes acontecimentos aterrorizaram – torturaram – destruíram-me. Contudo, não tentarei dissecá-los. Para mim, representaram nada menos do que o Horror – para muitos parecerão menos terríveis do que grotescos. Futuramente, talvez surja alguma inteligência que reduzirá o meu fantasma a algo comum – alguma inteligência mais calma, mais lógica e, de longe, menos excitável do que a minha, que percebe que as circunstâncias que eu relato com terror, nada mais foram do que uma sucessão vulgar de causas e efeitos naturais.

Desde a minha infância, era conhecido pela docilidade e humanidade do meu carácter. A ternura do meu coração era tão evidente que acabava por ser alvo de brincadeira dos meus companheiros. Gostava especialmente de animais e os meus pais permitiam-me ter uma grande variedade de animais de estimação. Passava com eles grande parte do tempo, e nunca fui tão feliz como quando os alimentava ou acariciava. Este carácter peculiar cresceu comigo e, quando adulto, tornei-o numa das minhas fontes de prazer. Aos que já nutriram afecto por um cão fiel e sagaz não preciso de me dar ao trabalho de explicar a natureza ou a intensidade da satisfação que se tem. Há algo no amor desinteressado e no auto-sacrifício de um animal, que toca directamente o coração dos que tiveram ocasiões para testar a amizade miserável e a frágil fidelidade do mero Homem.

Casei-me cedo, e fiquei contente por encontrar na minha esposa um temperamento semelhante ao meu. Reparando na minha inclinação por animais domésticos, ela não perdia uma oportunidade de conseguir os de espécie mais agradável. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um cão inteligente, coelhos, um pequeno macaco e um gato.

Este último era um animal extraordinariamente grande e bonito, todo preto e de uma sagacidade espantosa. Referindo-se à sua inteligência, a minha mulher, que não possuía qualquer réstia de superstição no coração, fazia frequentes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos eram bruxas disfarçadas. Ela não se referia com muita seriedade a isso – e, aliás, só menciono este facto porque me ocorreu agora mencioná-lo.

Pluto – era este o nome do gato – era o meu animal de estimação predilecto e companheiro de brincadeiras. Só eu o alimentava e ele seguia-me para todo o lado em casa. Era mesmo com dificuldade que o impedia de me seguir pelas ruas.

A nossa amizade durou assim alguns anos, durante os quais o meu temperamento e carácter sofreram uma alteração radical para pior, provocada por aquele Demónio Incontrolado que me usou (fico embaraçado só de o confessar). Tornava-me dia a dia mais taciturno, mais irritável, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Sofria ao usar uma linguagem mais intempestiva com a minha esposa, com quem cheguei mesmo a ser violento.

Os meus bichos, é claro, também não deixaram de sentir a alteração do meu carácter. Para além de os negligenciar, também os maltratava. Quanto a Pluto, ainda tinha consideração suficiente por ele, o que me impedia de o maltratar, porém não tinha quaisquer remorsos em maltratar os coelhos, o macaco, ou até mesmo o cão quando, por acidente ou por afecto, se atravessavam no meu caminho. Mas a doença crescia cá dentro – que outra doença se compara ao Álcool! – e, aos poucos, até mesmo o Pluto, que estava a ficar velho e, conseqüentemente, se tornara rabugento – começou a sentir os efeitos do meu vil temperamento.

Uma noite, quando regressava a casa, muito intoxicado de um dos meus passeios assombrados pela cidade, tive a impressão que o gato evitava a minha presença. Apanhei-o, e ele, assustado com a minha violência, ferrou ao de leve a minha mão. A fúria do demónio possuiu-me instantaneamente. Já não me reconhecia. A minha alma original parecia ter voado do meu corpo e uma perversidade mais do que diabólica, ateadada pelo álcool, fez vibrar todas as fibras do meu corpo. Tirei do bolso do casaco um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, deliberadamente, arranquei da sua órbita um dos olhos! Eu coro, eu ardo, eu estremeço, só de escrever tamanha atrocidade.

Quando a razão regressou pela manhã – depois de se terem dissipado os fumos de uma noite de deboche – tive uma sensação misto de terror e de remorsos pelo crime do qual era culpado, mas que não passou de um sentimento frouxo e equívoco e a alma permaneceu inalterável. Mergulhei

novamente nos excessos e, rapidamente, afoguei no vinho toda a memória do que acontecera.

Entretanto, o gato recuperara lentamente. A órbita do olho perdido tinha um aspecto horroroso, é verdade, mas ele parecia não ter mais dores. Começou a andar pela casa normalmente, mas, como seria de esperar, fugia cheio de terror à minha aproximação. Ainda me restava um pouco do meu antigo coração para que sofresse com a aversão evidente que o animal me tinha, quando outrora me havia amado. Porém, este sentimento depressa deu lugar à irritação. Depois, para me perder por completo, veio o espírito da PERVERSIDADE. A este espírito, a filosofia não presta a devida atenção. Contudo, duvido mais que a minha alma vive do que acredito que a perversidade seja um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das faculdades ou sentimentos primários indivisíveis que guiam o carácter do Homem. Quem não deu por si, vezes sem conta, a cometer acções más ou estúpidas, por nenhuma outra razão a não ser a de saber que não o deveria fazer? Não temos nós uma inclinação perpétua, mesmo quando estamos no nosso perfeito juízo, para violar o que é Lei, simplesmente porque a compreendemos como tal? Este espírito de perversidade, digo eu, foi a minha queda final. Foi este insondável anseio da própria alma em se vexar, em violentar a sua própria natureza, em fazer o mal pelo mal, foi este espírito que me levou a prosseguir acabando por provocar uma ferida maior no inofensivo animal. Uma manhã, a sangue frio, pus-lhe um nó em torno do pescoço e enforquei-o no ramo de uma árvore: enforquei-o com as lágrimas a correrem-me dos olhos e com o mais amargo remorso no meu coração, enforquei-o porque sabia que ele me havia amado, e porque sabia que ele não me dera motivo algum para o ofender, enforquei-o porque sabia que ao fazê-lo estava a cometer um pecado – um pecado mortal que prejudicava a minha alma imortal colocando-a, se é que isso é possível, para além do alcance da misericórdia infinita do Deus Mais Misericordioso e Mais Terrível.

Na noite do dia em que este acto cruel foi cometido, fui acordado pelo grito de “fogo”. As cortinas do meu quarto estavam em chamas. Toda a casa estava a arder. Foi com grande dificuldade que a minha esposa, uma criada e eu conseguimos escapar ao incêndio. A destruição foi completa. Todos os meus bens terrenos foram engolidos pelo fogo e, desde então, resignei-me ao desespero.

Estou acima da fraqueza de tentar estabelecer uma relação de causa e efeito entre o desastre e a atrocidade. Mas estou a relatar uma sequência de acontecimentos e espero não deixar nem um pequeno elo descuidado. No dia

seguinte ao incêndio, visitei as ruínas. As paredes, excepto uma tinham desmoronado. Esta excepção era uma parede não muito grossa, de um compartimento que se situava mais ou menos no meio da casa, e junto da qual ficara a cabeceira da minha cama. Aqui, o gesso em grande parte resistira à acção do fogo – atribuí esse facto ao seu recente restauro. Em volta dessa parede, uma imensidão de pessoas se juntara e muitas pareciam examinar com bastante atenção e minúcia uma porção em particular dessa parede. As palavras “Estranho!”, “Singular!” e outras expressões similares despertaram-me a curiosidade. Aproximei-me e vi, como que gravado em baixo relevo na superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A impressão era de uma exactidão estupefanda. Havia uma corda em volta do pescoço do animal.

Quando contemplei pela primeira vez esta aparição – porque dificilmente poderia considerá-la menos do que isso – a minha admiração e terror eram extremos. Mas finalmente a reflexão veio em meu auxílio. Lembrei-me que o gato fora enforcado num jardim junto a casa. Com o alarme de incêndio, este jardim encheu-se imediatamente com uma multidão e alguém devia ter tirado o animal da árvore atirando-o, através da janela, para o meu quarto. Isto provavelmente fora feito com a intenção de me acordar. As outras paredes, ao caírem, pensaram a vítima da minha crueldade no gesso da parede que recentemente tinha sido colocado. O gesso juntamente com as chamas e o amoníaco provocaram a imagem do esqueleto como se via.

Apesar de assim prontamente me justificar perante a minha razão, não fazia o mesmo perante a minha consciência, pois o surpreendente acontecimento que acabo de relatar não deixou de me provocar uma profunda impressão. Durante meses, não me consegui livrar do fantasma do gato e, durante esse período, regressou ao meu espírito o sentimento que parecia, mas não era, de remorso. Cheguei ao ponto de lamentar a morte do animal e de procurar, nos vis antros que normalmente frequentava, um outro animal de estimação, da mesma espécie e com algumas semelhanças, que o pudesse substituir.

Uma noite em que estava sentado, meio estupefacto, num antro mais do que infame, a minha atenção foi despertada por um objecto preto que repousava num dos imensos barris de gin ou de rum, que constituíam a mobília do estabelecimento. Estava a olhar fixamente para o topo deste barril há já alguns minutos, e o que agora me surpreendia era o facto de não me ter apercebido antes do objecto, lá em cima. Aproximei-me e toquei-lhe com a mão. Era um gato preto – muito grande – tão grande como o Pluto e muito parecido com ele em todos os aspectos, excepto num: Pluto não tinha um só

pêlo branco em qualquer parte do corpo, mas este gato tinha uma grande mancha branca, apesar de indefinida, cobrindo toda a região do peito.

Ao acariciá-lo, imediatamente se levantou, ronronando alto, esfregando-se contra a minha mão, parecendo que a minha atenção lhe causava prazer. Este era, então, o animal que procurava. Imediatamente, propus-me a comprá-lo ao dono do estabelecimento, mas ele não manifestou interesse no bicho, não o conhecia e nunca o tinha visto.

Continuei a acariciá-lo e, quando me preparava para regressar a casa, o animal demonstrou querer acompanhar-me. Permiti que o fizesse, curvando-me ocasionalmente para o acariciar. Quando chegou a casa, domesticou-se rapidamente e tornou-se um dos predilectos da minha esposa.

Da minha parte, rapidamente deixei de gostar que ele se enroscasse em mim. Isto era simplesmente o inverso daquilo que eu esperava. Não sabia nem como nem porquê, a sua ternura por mim repelia-me e aborrecia-me. Aos poucos, estes sentimentos de repulsa e de aborrecimento transformaram-se no mais amargo ódio. Evitava a criatura, um vago sentimento de vergonha e de recordação do acto cruel cometido impediam-me de o maltratar fisicamente. Durante semanas, não lhe bati, nem pratiquei qualquer acto violento, mas gradualmente – muito gradualmente – comecei a sentir por ele uma inexplicável repugnância e fugia silenciosamente da sua odiosa presença, como se fosse o bafo da peste.

Sem dúvida, o que aumentou o meu horror pelo animal foi a descoberta, na manhã seguinte a trazê-lo para casa, que, tal como Pluto, também ele fora privado de um dos seus olhos. Porém, esta situação só fez com que a minha esposa sentisse um enorme carinho por ele, ela que, como já disse, ela tinha uma enorme ternura, traço que outrora tinha sido uma das minhas características e a fonte de muitos dos meus prazeres mais simples e puros.

Todavia, apesar da minha aversão por este gato, a sua preferência por mim parecia aumentar. Ele seguia as minhas pegadas com uma pertinência que dificilmente o leitor compreenderia. Sempre que me sentava, ele agachava-se debaixo da minha cadeira, ou saltava para as minhas pernas, cobrindo-me com as suas carícias repugnantes. Se me levantava para caminhar, ele metia-se entre as minhas pernas e quase me derrubava, ou cravava as suas garras grandes e afiadas na minha roupa, subindo assim até ao meu peito. Nessas ocasiões, apesar de me apetecer matá-lo com um só golpe, conseguia conter-me, em parte devido à lembrança do crime que anteriormente cometera, mas principalmente – confesso –, pelo pavor que tinha do animal.

Este medo não era um medo físico e, contudo, não saberia defini-lo de outra forma. Quase me envergonho de o confessar – sim, mesmo nesta cela de criminoso, quase me envergonho de o confessar – que o terror e o horror que o animal me inspirava aumentavam pela mais irrisória quimera que se possa imaginar. A minha esposa chamara a atenção, mais do que uma vez, para o aspecto da mancha branca, à qual já me referi, e que era a única diferença entre o estranho animal e aquele que eu matei. O leitor lembrar-se-á que esta marca, apesar de grande, era originalmente muito indefinida, mas aos poucos – de uma maneira quase imperceptível e que durante muito tempo a minha Razão lutou por rejeitar como fantasia – tomou uma forma de contornos distintos. Era, agora, a representação de um objecto que estremeço ao nomear – e, por isso, acima de tudo, encarava-o como um monstro de horror e repugnância e livrar-me-ia dele se me atrevesse – era agora, digo eu, a imagem de uma FORÇA horrível e hedionda! – Oh, sinistro e terrível engenho de Horror e Crime – de Agonia e de Morte!

Agora, eu era com certeza um desgraçado mais miserável do que a miserável Humanidade. E a besta bruta – cujo semelhante destruí de uma forma desprezível – uma besta bruta que se apoderara de mim – um homem feito à imagem do Deus Altíssimo – que grande e insuportável infortúnio! Ai de mim! Nem de dia nem de noite conheci jamais a bênção do Descanso! Durante o dia, a criatura não me deixava em paz e, de noite, de hora em hora, acordava de sonhos de indescritível medo, encontrando o hálito quente da coisa no meu rosto, e o seu peso desmedido – um Pesadelo incarnado do qual não tinha forças para sair – incubado eternamente no meu coração! Devido à pressão de tormentas como esta, o pouco de bom que em mim restava sucumbiu. Maus pensamentos tornaram-se os meus únicos amigos – os mais sombrios e sórdidos pensamentos. A minha rabugice usual transformou-se em ódio por todas as coisas e por toda a humanidade, enquanto vindo do nada, frequentemente e de uma forma desmesurada, era possuído por ataques de raiva, aos quais passei a abandonar-me cegamente e a minha esposa, que não se queixava – pobre dela – era quem mais vezes e mais pacientemente sofria.

Um dia, ela acompanhou-me, para me ajudar em algumas tarefas domésticas na cave do velho edifício que a nossa pobreza nos obrigava a habitar. O gato seguiu-me pelas escadas abaixo e quase me fez cair de cabeça, exasperando-me ao ponto de perder o juízo. Peguei num machado que até então tinha na mão e, esquecendo o medo ingénuo, arremessei-o ao animal; este gesto teria sido mortal se o gato tivesse descido como desejei. Mas o golpe foi travado pela mão da minha esposa. Enlouquecido com este reflexo dela,

dominado por uma raiva mais do que demoníaca, libertei-me dos braços dela e cravei-lhe o machado no cérebro. Ela caiu morta instantaneamente, sem um único gemido.

Cometido este hediondo assassinato, dispus-me de imediato, e com total deliberação, a esconder o corpo. Sabia que não o podia tirar de casa, fosse de dia ou de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos. Muitas ideias me passaram pela cabeça. Por um instante, pensei em cortar o corpo em pequenos pedaços e destruí-los através do fogo. Lembrei-me de cavar uma fossa no chão da cave para o enterrar. Em seguida, lembrei-me de o atirar ao poço do quintal – metê-lo num caixote como se fosse mercadoria e arranjar maneira de fazer com que um carregador o tirasse de casa.

Finalmente, surgiu-me uma ideia que considerei de longe mais concretizável do que qualquer uma destas. Decidi emparedá-la na cave – como os monges da Idade Média faziam com as suas vítimas.

Para um propósito como este, a cave era o indicado. As paredes não haviam sido muito bem construídas e recentemente haviam sido rebocadas com gesso, que a atmosfera húmida não deixou endurecer. Ainda por cima, numa das paredes existia uma saliência, devido a uma chaminé ou lareira que fora tapada para se assemelhar ao resto da cave. Achei que facilmente conseguiria retirar os tijolos naquele lugar, colocar lá o corpo e levantar de novo a parede de maneira a que ninguém pudesse detectar algo suspeito.

E os meus cálculos não estavam errados. Com a ajuda de um pé de cabra, facilmente desloquei os tijolos e cuidadosamente coloquei o corpo contra a parede interior. Segurei-o nessa posição, enquanto, sem muito esforço, coloquei de novo a estrutura como era originalmente. Consegui arranjar cimento, areia e cal e, com todos os cuidados possíveis, preparei uma argamassa que não se conseguia distinguir da anterior, com a qual cobri escrupulosamente a parede nova. Quando terminei, senti-me satisfeito pois tudo correu bem. A parede não apresentava o menor sinal de ter sido alterada. Limpei o chão minuciosamente – olhei em redor, triunfante, e disse para mim mesmo: “Ao menos aqui o meu trabalho não foi em vão”.

O passo seguinte foi procurar o animal que causara tanta infelicidade, pois finalmente tinha resolvido matá-lo. Se eu o tivesse encontrado naquele momento não haveria dúvida do seu destino, mas parecia que o esperto animal se tinha alarmado com a violência da minha raiva e procurava não aparecer diante de mim enquanto eu estivesse naquele estado de espírito. É impossível descrever, ou imaginar, o enorme alívio que a ausência de tão detestável criatura provocava no meu peito. Não apareceu durante a noite – e assim, pelo menos

por uma noite, desde que ele entrara em casa consegui dormir tranquila e profundamente; sim, dormi mesmo com o peso na consciência daquele assassinio!

O segundo e terceiro dias passaram e o meu algoz não aparecia. Voltava a respirar como um homem livre. O monstro aterrorizado fugira para sempre. Não tornaria a vê-lo! A minha felicidade era suprema. A culpa da minha terrível acção perturbava-me, mas pouco. Algumas investigações foram feitas, às quais respondi prontamente. Avançou-se mesmo com uma busca – mas claro que nada poderia ser descoberto. Considerava já como certa a minha felicidade futura.

Ao quarto dia após o assassinato, um destacamento policial chegou inesperadamente a casa para levar a cabo uma nova investigação rigorosa. No entanto, estava tão seguro que ninguém encontraria o meu esconderijo inescrutável, que não senti qualquer perturbação. Os polícias pediram-me que os acompanhasse na sua busca. Não deixaram esquina ou recanto por explorar. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram à cave. Não retesei um músculo. O meu coração batia calmamente como o de um inocente. Percorri a cave de lés a lés, cruzei os braços sobre o peito e vagueei de um lado para o outro.

A polícia estava completamente satisfeita e preparava-se para sair. O júbilo que me inundava o coração era forte demais para que pudesse contê-lo. Ardia por dizer nem que fosse uma palavra, a comemoração do triunfo, e também por tornar duplamente evidente a minha inocência.

– Senhores – disse, por fim, enquanto os polícias subiam as escadas, – fico contente por ter desfeito qualquer suspeita. Desejo a todos saúde e um pouco mais de cortesia. Diga-se de passagem, senhores, que esta é uma casa muito bem construída – (na minha vontade louca de dizer algo com naturalidade, dificilmente sabia o que estava a dizer).

– Poderia dizer que é uma casa muito bem construída. Estas paredes – os senhores já se vão? – Estas paredes são de grande solidez. – Nessa altura, movido por pura e frenética fanfarronice, bati com força, com a bengala que tinha na mão, justamente na parte da parede atrás da qual se achava o corpo da esposa do meu coração.

Que Deus me guarde e livre das garras de Satanás! Mal o eco das batidas mergulhou no silêncio, uma voz respondeu-me do fundo da tumba! – Primeiro como um choro entrecortado e abafado como os soluços de uma criança, aumentando para um grito prolongado completamente anormal e inumano – um uivo – um grito agudo, meio horror e meio triunfo, como que saído do

inferno, da garganta dos condenados em agonia e dos demónios exultantes com a sua condenação.

Dos meus pensamentos será loucura falar. Quase desfalecendo, cambaleei até à parede em frente. Por um instante, os polícias ao cimo da escada detiveram-se, imobilizados pelo terror. No instante seguinte, uma dúzia de braços vigorosos fizeram a parede cair por terra. O cadáver, já em adiantado estado de decomposição e coberto de sangue coagulado, apareceu erecto em frente dos espectadores. Sobre a sua cabeça, com a boca vermelha dilatada e o seu solitário olho chamejante, estava o odioso animal, cuja astúcia me levou ao assassínio e cuja voz reveladora me entregou ao carrasco.

Tinha emparedado o monstro dentro da tumba!

Trad. de Maria da Assunção Norinho e Sérgio Alves¹

¹ Alunos da Licenciatura Bietápica em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução Especializada.